

ENTRE ROSÁRIOS E BACAMARTES: MULHERES E INSUBMISSÃO NO SERTÃO DA BAHIA

Ênio José da Costa Brito*

Introdução

Ler *Entre Rosários e Bacamartes: Mulheres do Belo Monte- Fé e Insubmissão no Sertão da Bahia* foi muito inspirador, por proporcionar um retorno a temas que me são caros¹. Voltei a eles estimulado pelos questionamentos, sugestões e críticas presentes na Dissertação. Leitura cheia de surpresas, com potencialidade para despertar profunda empatia pelo Arraial do Belo Monte e seus habitantes, principalmente, suas destemidas e criativas mulheres.

A Dissertação trilha uma vereda, que começa a ser mais explorada pela pesquisa histórica na atualidade, a de resgatar nas pesquisas a figura de homens e mulheres silenciados pela historiografia oficial. Já na *Introdução*, autora apresenta uma das muitas pérolas encontradas na diuturna pesquisa, o discurso da Professora Macôtas, que morou em Belo Monte e no fim da guerra enfrentou o exército defendendo Belo Monte e seu povo. Muitas das figuras femininas apontadas e visibilizadas na Dissertação mereciam estar numa obra, recentemente lançada pela Companhia das Letras, em março deste ano, intitulada *Enciclopédia Negra*. “Em 417 verbetes biográficos encena um reencontro do Brasil com a memória silenciada de milhões de pessoas negras, mulheres e homens”².

Aponto, em seguida, dois dados históricos e a perspectiva epistemológica presente na Dissertação. O primeiro dado está relacionado com a recuperação do nome Belo Monte. A República nunca aceitou o nome de Belo Monte, por isso toda a

* Ênio José da Costa Brito é professor titular do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da PUC-SP, e no Instituto Teológico São Paulo (ITESP). É coordenador do Grupo de Pesquisa “Imaginário Religioso Brasileiro (Veredas)” e Vice Coordenador do Centro de Estudos Culturais Africanos e da Diáspora (CECAFRO-PUC). Editor responsável de revista Último Andar. E-mail: brbrito@uol.com.br.

¹ SILVA, Patrícia. *Entre Rosários e Bacamartes: Mulheres do Belo Monte- Fé e Insubmissão no Sertão da Bahia*. Mestrado em Ciência da Religião. São Paulo: PUCSP.2021.

² GOMES, Flávio dos Santos; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lília Moritz. *Enciclopédia Negra*. Sinope, São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

documentação que se refere ao Arraial vai registrar sempre “Canudos”, fato revelador da visão republicana do Arraial. Visão por sinal muito negativa e preconceituosa. Segundo dado, sabemos que Belo Monte é emblemático na história brasileira ao mostrar que o projeto republicano instalado, em 1889, foi um processo conduzido pelas elites, que preocupada com alguma mudança efetiva que pudesse acontecer nas estruturas sociopolíticas, por causa da abolição da escravatura, perpetraram/deram o golpe³.

Para a autora, na esteira de Grada Kilomba, a escrita da Dissertação é um ato de descolonização

Além disso, escrever é um ato de descolonização na qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor “validada/o” e “legitimada/o” e, a reinventar a si mesma/o nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada (KILOMBA apud SILVA, 2021, p.16).

Pontuo, em seguida, as significativas opções de perfil epistemológico feitas ao longo da pesquisa. Silva acertou precisamente ao acrescentar/ complementar a perspectiva de análise de gênero com a de raça. Opção que possibilita resgatar a marca d’água do contexto histórico no qual se ubica o seu tema. Acabando por tocar, implicitamente, num ponto silenciado pela historiografia: a racialização implantada pela República que embaralhou todas as cartas postas na mesa pelo abolicionismo e acabou por promover a rearticulação do bloco do poder. Fato que possibilitou a reconstrução da ordem racial a partir de marcadores corporais, raciais e étnicos como a cor e os costumes mantendo assim a antiga ordem social de privilégios de classe. A questão racial permeou a mudança do regime monárquico para o republicano. Nesse contexto, do fim da ordem senhorial as classificações de cor e outras categorias de grupo, típicas do escravismo foram ampliadas e atualizadas para incorporar as novas ideias raciais e racistas, redesenhando as fronteiras entre os grupos sociais.

A percepção da subalternidade por parte da autora trouxe consigo a constatação da ausência de lugar das mulheres nos trabalhos e discursos hegemônicos sobre Belo Monte. Levando a questionar radicalmente o paradigma epistemológico modernizante e funcional, que encobriu e encobre os “outros” e nega identidades culturais preexistentes

³ GATO, Matheus. *O Massacre dos libertos: sobre raça e república no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2020. No livro ao estudar o massacre dos libertos ocorrido em São Luís (MA) desvela as mazelas da República recém instaurada.

ou existentes. Convidando-nos reiteradamente, ao longo do texto, a pensarmos paradigmas que tenham presentes outras lógicas e sejam capazes de assumir pensares, fazeres e saberes subalternos, periféricos e colados à vida. *Entre Rosários e Bacamartes* convida seus leitores (as) a superarem uma leitura linear da história de Belo Monte, leitura pautada pelo predomínio da mentalidade colonialista e eurocêntrica. Felizmente, na América Latina começa a ocorrer uma ruptura epistemológica com o imaginário colonial por parte das Ciências Humanas e da Ciência da Religião, lentamente, é verdade. Muito instigante, também, a opção de olhar por outras lentes, não apenas pela lente cristã católica o multifacetado universo religioso de Belo Monte, tendo em vista que os povos em suas etnias se misturaram nesse processo de luta pela terra (SILVA, 2021, p.50). Antes de apresentar a minha recepção do texto, passo a palavra a autora:

Como uma mulher negra, nascida em Uauá-BA, região onde ocorreu a primeira batalha entre conselheiristas e o exército brasileiro, me sinto não somente parte dessa história, como também provocada a escrever e pesquisar sobre uma história que me pertence:” *É o entendimento e o estudo da própria marginalidade que criam a possibilidade de devir como um novo sujeito*” (KILOMBA apud SILVA, 2021, p.19). (Grifo da autora)

Revisitando a estrutura da Pesquisa

Importante ter já alertado no *Sumário* para as narrativas de perfil colonial “que estabelecem binarismos”, cujo resultado é a invisibilização historiográfica, no caso, das mulheres do Arraial. Importante ter pontuado, também, ser “Belo Monte” a expressão da busca de uma vida mais digna e a crença na alternativa efetiva para a gente do sertão. A relevância destas duas pontuações presentes já no *Sumário*, deve-se ao fato de sinalizarem a moldura epistemológica e existencial da pesquisa.

As narrativas em relação ao Belo Monte pautadas na ideia de vencedor e vencido, além de deixar de lado a história daqueles/as considerados/as vencidos/as, invisibilizaram as narrativas das mulheres por meio do silenciamento dessa memória. A investigação, tendo como um dos horizontes teóricos as questões de gênero, recupera essas histórias, seus fazeres e saberes cotidianos que antes da guerra, construíram e constituíram o cotidiano do Belo Monte, tendo em vista as relações sociais entre homens e mulheres e entre o Estado e a comunidade do Belo Monte. Recupera ainda, a religiosidade sincrética presente na comunidade (SILVA,2021, p. 5).

A *Introdução* traz informações pessoais e de pesquisa preparando a recepção dos futuros leitores (as). Importante depois de ter enunciado e delimitado o objeto de estudo, colar nele as questões, que estão espalhadas pelos capítulos, deixando claro o núcleo duro da pesquisa, isto é, o objeto delimitado e problematizado. As perguntas apresentadas na Conclusão podem estar coladas ao objeto de pesquisa:

A pergunta eixo durante todo esse trabalho. Onde estão as mulheres na história do Belo Monte? Quais suas histórias? Seus feitos? Seus nomes? Enfim, essa é uma questão que vai além da história do Belo Monte e atravessa as histórias de muitas outras mulheres em diversos contextos e lugares (SILVA, 2021, p. 124).

Retomo outras questões espalhadas pelos capítulos: qual o conceito de religião pauta as narrativas sobre Belo Monte? Como as relações de Antonio Conselheiro com as mulheres foram registradas nas narrativas; como as mulheres se relacionam com Antonio Conselheiro e como a religião se configura a partir desse contexto? Questões que serão respondidas gradualmente ao longo do texto. A hipótese, que orienta a pesquisa pode ser mais realçada, facilitando, assim, a leitura e a recepção do texto.

Na *Introdução* a autora apresenta uma das muitas pérolas encontrada na leitura do livro de José Benício o discurso da “Professora Macôtas, que morou no Belo Monte e no fim da Guerra enfrentou o exército também com um discurso muito forte e lúcido em defesa do território do Belo Monte, da comunidade e de seu povo” (SILVA, 2021, P. 28). Na atualidade, uma das vertentes da pesquisa histórica é tirar da invisibilidade personagens que a história oficial silenciou, em particular, as mulheres.

Dos capítulos

Belo Monte - Movimento e resistência no Sertão da Bahia abre a pesquisa oferecendo dados que possibilitam captar uma *disjunção* entre o Antônio Conselheiro do capítulo IV da Parte II de *Os sertões* e este “personagem comovente” da cultura sertaneja. “De um lado, o personagem de Euclides registrado de maneira indelével em sua obra magistral, e do outro o personagem histórico transmitido pela narrativa popular” (VASCONCELLOS, 2020, PP. 159-160).

Taciana Vasconcellos num belo e instigante texto intitulado, *Antônio Conselheiro: um sujeito com estilo*, nos lembra que não é fácil ressignificar as

impressões cravadas na cultura por essa poderosa obra, *Os Sertões* e que tanto o laudo de Nina Rodrigues (1897) quanto Euclides da Cunha ignoraram perspectivas importantes da ciência da época. Ambos estão longe de representar a vanguarda do seu tempo, representam sim o que há de pior revestido de “ciência” nas ideias europeias de Gobineau (1816-1882), Ratzel (1844-1902) e Lombroso (1835-1909) (VASCONCELLOS, 2020, PP. 161-162).

Entre as muitas revisões de obras sobre Canudos, presentes no capítulo, resalto a relativa a obra de Maria Isaura “*Messianismo no Brasil e no Mundo*”, pois, não transcende a visão de Euclides, nela temos a presença de preconceitos e estereótipos com relação ao povo do sertão. Nas palavras de Silva:

Seguindo na revisão das análises existentes em relação ao movimento do Belo Monte, uma delas foi considerá-lo como um movimento messiânico pautado apenas na religiosidade, corrente essa, proposta por Maria Isaura Pereira de Queiroz em sua obra: *Messianismo no Brasil e no Mundo* (1965). Todavia apesar de trazer elementos importantes sobre o surgimento de muitos peregrinos no sertão, não se desvinculou da perspectiva Euclidiana, que buscava macular a imagem de Antônio Conselheiro igualando a um religioso fanático louco e que pregava e realizava milagres (SILVA, 2021, p. 38).

Na ampla revisão bibliográfica se menciona o importante trabalho de José Calasans, um autêntico divisor de águas nos estudos sobre Belo Monte.

Calasans, dentre muitos textos, em cartografia de Canudos (1997), com base em relatos orais, documentos e leituras vai possibilitar uma nova maneira de olhar a história do Belo Monte, trazendo questões como a escravidão, a presença indígena no Belo Monte e a presença das mulheres (SILVA, 2021, p. 38).

Temos, ainda, menções ao Padre Ibiapina, figura que exerceu forte influência na práxis do Conselheiro, pois ele tem em Ibiapina, um modelo (SILVA, 2021, pp. 44-45). Ibiapina é uma figura pouco estudada, as indicações dadas podem ser complementadas pelo livro de Eduardo Hoornaert intitulado *Crônica das casas de caridade fundadas pela padre Ibiapina*, publicação da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, nele se oferece uma primeira aproximação da vida e obra de Ibiapina. Na atualidade, estudos históricos importantes sobre Ibiapina foram realizados por Ernando Luiz Teixeira Carvalho, escritor e pesquisador, membro e diretor do Instituto Histórico Geográfico da

Paraíba, por duas décadas, *A Missão Ibiapina—A crônica do século XIX escrita por colaboradores e amigos do Padre Mestre, atualizada com notas e comentários*, texto importante para uma compreensão mais abrangente da obra realizada por Ibiapina.

O conceito de memória tem uma presença marcante na pesquisa, cabe explicitar o seu sentido e força heurística. O capítulo realiza amplamente o objetivo proposto:

fazer ressoar a voz daquelas e daqueles considerados/as vencidos/as, retomando a proposta do Professor José Calasans. Em especial a voz das mulheres relegadas ao abandono histórico e a memória do Belo Monte que durante muito tempo se pautou na perspectiva do vencedor e na invisibilização da presença e atuação femininas (SILVA, 2021, p. 39).

Termina-se a leitura desse primeiro capítulo com a forte convicção de que Antonio Conselheiro criou uma autêntica comunidade em Belo Monte. A essência de uma comunidade é ser inclusiva e a criada por ele tinha esse traço como dominante, nela havia espaço para a diferença cultural, étnica, social e religiosa. Belo Monte era lugar da vida e de sua recuperação.

O percurso realizado é sintetizado pela autora:

discorreremos sobre o Belo Monte do ponto de vista histórico e geográfico, mostrando um pouco de sua constituição. Seguimos com uma explanação sobre a história do Belo Monte na literatura oficial e nas pesquisas recentes, ressaltando a força da visão euclidiana e as novas perspectivas de análises. Ressaltamos a importância de olhar a história do Belo Monte na ótica de gênero, dessa forma, construímos algumas reflexões em torno da relação de Antônio Conselheiro e as mulheres, bem como de sua própria história de vida desde o Ceará até o Belo Monte. Neste capítulo também, provocamos uma discussão sobre as práticas religiosas no Belo Monte, sua herança africana e indígena e a relação das mulheres com a religião como mantenedoras da memória religiosa da comunidade (SILVA, 2021, p. 68).

O segundo capítulo intitula-se *Quebrando o silêncio: a memória das mulheres na História de Belo Monte*, nele se acolhe o desafio de apontar os diversos espaços de resistência das mulheres, suas histórias, seus nomes, visando recuperar suas histórias e humanizá-las. Tarefa realizada através de um amplo garimpo bibliográfico em busca de indícios deixados por elas. Tarefa realizada com sucesso, nas palavras da autora “é notável a presença delas no Arraial”. Silva nos relembra que a narrativa presente no capítulo, nasce de um lugar de fala, categoria essa, trazida por Djamila Ribeiro, em sua obra na qual explicita a perspectiva do Feminismo Negro:

Nossa hipótese é a de que, a partir da teoria do ponto de vista feminista, é possível falar de lugar de fala. Ao reivindicar os diferentes pontos de análises e afirmação de que um dos objetivos do feminismo negro é marcar o lugar de fala de quem o propõe, percebemos que essa marcação se torna necessária para entendermos realidades que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica (RIBEIRO *apud* SILVA, 2019. p. 59).

Entre outras coisas, esse capítulo deixa claro o modo costumeiro como as demandas do “*Brasil Real*” tem sido tratadas ao longo de toda a nossa história pelos agentes do “*Brasil Oficial*” civil e religioso, basta lembrar além de Canudos, Contestado, Pau de Colher, Revolta da Vacina, Revolta da Chibata, Revolta de Juazeiro, Movimento Tenentista e tanto outros, sempre tratados da mesma maneira pelas elites políticas do país.

O capítulo implicitamente convida os pesquisadores (as) para fazerem justiça a trajetória do povo brasileiro, em especial, a trajetória das mulheres de Belo Monte, ao seu protagonismo, apontando um caminho possível: refletir sobre a “colonialidade” de gênero e de raça (SILVA, 2021, p. 79).

A Categoria do silenciamento, (desmemória) que ocupa um papel central no texto, merece uma explicitação maior, pois sua força heurística é grande. Pensar em silenciamento é refletir no controle da memória gerido pelas classes dominantes, principais detentoras do poder e do poder da escrita da história. O resultado entre outros é a marginalização das mulheres como “sujeitos históricos na guerra de Canudos”. A historiografia brasileira está recheada de silêncios, de mentiras à sombra de omissões. Importante, pois, discorrer sobre os sentidos adquiridos pelo “silêncio”, isto é, discutir o sentido historiográfico do silêncio e suas consequências.

Pode-se afirmar, sem medo de errar, que:

um grande e constrangedor silêncio habita a maior parte dos arquivos brasileiros e coloniais e, sobretudo, dos nossos manuais e livros didáticos. Neles, enquanto os registros de atos empreendidos pela população branca estão por toda a parte, as referências acerca da imensa população escravizada que viveu no país, desde os meados do século XVI até praticamente ao fim do século XIX, são bem escassas (GOMES; LAURIANO; SCHWARCZ, 2021, p.9).

Chamo atenção para a preciosidade das fontes consultadas e utilizadas: Comitê Patriótico da Bahia e entrevistas com mulheres descendentes dos conselheiristas.

Um tópico lacunar é o papel exercido pela Igreja sobre Antonio Conselheiro. Com a proclamação da República a Igreja perdeu seu monopólio no campo religioso/social e o Estado ficou sem seu aliado de longa data. Como agora estão juntos no combate a Belo Monte? Que interesses os movimenta? A missão realizada por Frei João Evangelista, capuchinho (1895) retoma a velha aliança. Vamos ter um acordo entre o Arcebispo da Bahia (naquele momento já pressionado por Roma para dissolver o Arraial) com o governador da Bahia. O *Relatório de Frei João Evangelista* escrito após a sua visita ao Arraial, deu o sinal para a guerra, como nos diz Pedro Vasconcellos, que nos últimos anos tem publicado inúmeros trabalhos sobre Belo Monte (VASCONCELLOS, 2014).

Dentre as muitas informações apresentadas, uma me interessou: “a religiosidade presente neste movimento vai fundamentar a luta pela terra, vai induzir os processos de insubmissão dos/ das conselheiristas”. Afirmção que aponta para um problema secular no Brasil, a posse da terra e para a religião como espaço de ressignificação de novas maneiras de sobreviver numa situação de opressão, como mantenedora da comunidade, dando suporte para a preservação da fé nos ideais que construíram belo Monte (SILVA, 2021, p. 56).

Outro tópico bem desenvolvido está relacionado com a presença das mulheres na produção e na manutenção do espaço religioso. Falar de produção é pensar em criar, portanto as mulheres de Belo Monte não só criam como mantem o espaço religioso

A proposta do capítulo terceiro intitulado *Belo Monte das mulheres: saberes e práticas cotidianas* é discutir o lugar da religião popular nos estudos da Religião e sua ligação com os saberes da benzedura, do rezo e do partejar. Nas palavras as autoras:

Discutir o lugar da religião popular nos estudos da Religião e sua ligação com os saberes da benzedura, do rezo e do partejar, além disso, analisaremos as narrativas dos saberes realizados pelas mulheres do Belo Monte, sua relação com as matrizes indígenas e africanas. Buscaremos entender a maneira com a qual esses saberes eram realizados, quais situações as mulheres tiveram que enfrentar para manter vivas suas práticas (SILVA, 2021, p. 56).

Importante a autora ter conduzido essa discussão da religião e cultura popular no âmbito das relações de poder e dominação. Discutir religião fora deste âmbito é essencializá-la/naturalizá-la (SILVA, 2021, p. 108). O capítulo oferece aos leitores(as) dados para

traçar um renovado perfil das Benzedeadas, Parteiras e Rezadeiras, figuras da maior importância no mundo popular.

As mulheres exerciam seu poder nas comunidades e eram como ‘abridoras’ e ‘fechadoras’ de portais, realizavam os rituais, desde o nascimento a morte, esses eram momentos em que as ladainhas e benditos cantados por mulheres estavam sempre presentes (SILVA, 2021, pp. 113-114).

A antropologia nos adverte que a questão identitária é bastante complexa, pois implica um processo de construção social que envolve aspectos subjetivos, particulares e estruturais articulados contextualmente num jogo de relações de força, de poder. Três foram os perfis identitários das mulheres de Belo Monte apresentados ao longo da Dissertação: o da identidade legitimadora: trabalhado pelas instituições dominantes da sociedade, a fim de estender e racionalizar sua dominação, sobre elas afirma serem bruxas/ feiticeiras, curandeiras e jagunças. A identidade de resistência: produzida pelas mulheres de Belo Monte, que se encontravam em posição ou condições desvalorizadas ou estigmatizadas pela lógica dominante. Resistir foi um verbo conjugado por elas de vários modos e em vários graus. A identidade-projeto: quando essas mulheres com base no material cultural-religioso, se transformaram, na força central desse movimento, que buscava uma vida mais digna e a criação de uma alternativa efetiva para a gente do sertão.

As mulheres de Belo Monte transcendem os espaços da casa (Oikós), mantendo viva a memória de um rico universo simbólico e ritual (SILVA, 2021, p. 113).

Esses achados de histórias, ainda que curtas de parteiras e benzedeadas nos permitem entender esse saber que atravessou séculos e permanece vivo em comunidades, onde algumas mulheres mantêm em seu cotidiano seu ofício de trazer ao mundo vidas e de também poder, por meio de suas rezas, mantê-las com saúde (SILVA, 2021, p. 117).

A temática da oralidade, mencionada muito rapidamente, merece ser mais desenvolvida, pois

Os saberes ancestrais do benzimento, do partejar e do rezo, são parte da religiosidade popular e se constituem em práticas que vão sendo passadas oralmente na família ou a outros que se interessam. Algumas benzedeadas também são parteiras. Entre as mulheres o saber do parto é passado

oralmente, de mãe para a filha, até mesmo entre amigas que tenham interesse (SILVA, 2021, p. 113).

A reflexão sobre a religião/religiosidade popular permeia a Dissertação e pede uma breve síntese sobre o tema apontando a natureza, as características e as funções da religião no Arraial.

O papel mediador da *Palavra* tão presente nas práticas dessas mulheres e na vida do Arraial merece ser mais explorado. Guimarães Rosa numa de suas entrevistas ao tradutor alemão de *Grande Sertão: Veredas*, Curt Meyer-Clason dizia: A brasilidade é a língua do sentir-pensar! (2003).

Um exemplo presente no texto esclarece a força e riqueza comunicativa da palavra no mundo popular: “Parto é uma palavra esquisita, diz uma parteira. Vestir é o nome utilizado por ela:” vesti várias vezes. Para vestir tem que pedir licença” (FERREIRA; GROSSI apud SILVA, 2021, p.116)⁴.

Um breve comentário sobre *as fotos*, a autora poderia ter recorrido mais a elas, pois dispunha de um repertório fantástico de fotos sobre o Arraial. O desafio a ser acolhido é o de integrá-las ao texto, ao citar Rodrigues sinaliza um caminho a ser trilhado

Ao ler uma imagem, é necessário observar que, além do aspecto objetivo, do domínio da técnica e do equipamento, existe um componente subjetivo que depende da vivência, da percepção e da sensibilidade do autor. Quando as pessoas se empenham em entender e dar sentido ao mundo, elas o fazem com emoção, com sentimento e com paixão. Portanto, não se busca mais na imagem fotográfica a coisa propriamente dita, mas a sua representação conceitual. Os valores culturais agregados ao sentido de ritmo e da relação entre formas e significados é o que vai reforçar a expressão do conteúdo de uma fotografia (RODRIGUES apud SILVA, 2021, p. 72).

Os estudos visuais podem contribuir e muito nas análises das fotos apresentadas, pois, separaram os conceitos de visível e visualidade, mesmo sabendo das dificuldades inerentes a esta separação. Visível, se refere a condições de visualidade, ou seja, como as coisas se dão a ver para cada olhar, enquanto visualidade, se refere à maneira como esse mesmo olhar vai perceber e atribuir significado ao visível.

Os estudos visuais têm presente que a História visual não é uma história feita exclusivamente de fontes visuais, mas também de referências à visualidade

⁴ A autora abriu um diálogo fecundo com o artigo do Amauri Carlos Ferreira e Yonne Souza Grossi. *Religião e cidade: a narrativa das parteiras e sua religiosidade na Belo Horizonte dos anos 90*. O artigo é um modelo para se trabalhar com entrevistas.

presente em contextos culturais específicos, isto é, ela não se restringe unicamente ao visual mas se debruça também sobre a cultura e a dimensão visual contida em todos os tipos de produções culturais em um determinado contexto⁵.

Uma palavra final:

Sabemos que a história é sempre o resultado de uma escolha. No percurso alguns episódios são iluminados outros permanecem na sombra ou são silenciados, pois há sempre um presente para se sustentar com fatos do passado. O futuro, porém, está fortemente ligado ao passado que precisa ser revisto e re-explorado para que caminhemos adiante. *Entre Rosários e Bacamartes: Mulheres do Belo Monte- Fé e Insubmissão no Sertão da Bahia* nos coloca nesta vereda, atual necessária e urgente. Revisitar o passado e re-explorá-lo para podermos caminhar adiante.

Finalizo dando a palavra a autora:

A pesquisa no possibilitou enxergar que os lócus destinado a comunidade do Belo Monte na história do Brasil é centrado nas narrativas do “vencedor” e que é muito recente as narrativas que buscam questionar a história oficial e construir outras possibilidades de olhares que levem em conta a narrativa daqueles/as ditos/as vencidos/as. Portanto esse trabalho buscou se situar nesse caminho de contribuir com uma narrativa que pudesse trazer à tona uma perspectiva vinda desse lugar, que foi pouco escutado e que de maneira ainda muito forte se construiu com base na narrativa euclidiana (SILVA, 2021, p. 121-122).

⁵ Para uma primeira aproximação dos estudos visuais ver MACEDO, Rafael Gonzaga de..Paul Harro - Haring: visualidades melancólica da escravidão do Rio de Janeiro -1840. Dissertação de Mestrado, PUCSP, 2014. Cf. resenha da tese de Macedo. BRITO, Ênio José da Costa. \O fazer da pesquisa em veredas de religião e história. Carpintaria de Teses sobre religiosidade popular e afrodiaspórica. São Paulo .Recriar, 2021, p.59-68.

Referências bibliográficas

- BRITO, Ê. J. da C. *O fazer da pesquisa em veredas de religião e história*. Carpintaria de Teses sobre religiosidade popular e afrodiáspórica. São Paulo: Recriar, 2021.
- BUSSOLOTTI, M. A. F. M.. (Ed. e Org.). *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason*. Editora: Nova Fronteira (co-edição com Academia Brasileira de Letras e Editora UFMG),2003.
- CARVALHO, E. L. T. *A Missão Ibiapina*. A crônica do século XIX escrita por colaboradores e amigos do Padre Mestre, atualizada com notas e comentários, Passo Fundo: Gráfica Berthier, 2008.
- FERREIRA, A. C.; GROSSI, Y. S. Religião e cidade: a narrativa das parteiras e sua religiosidade na Belo Horizonte dos anos 90. *Revista Numen*, v.15, n.4, p. 65-87, 2012.
- GATO, M. *O Massacre dos libertos: sobre raça e república no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2020.
- GOMES, F. dos S.; LAURIANO, J.; SCHWARCZ, L. M. *Enciclopédia Negra*. Biografias Afro- Brasileiras. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- HOORNAERT, E. *Crônica das casas de caridade fundadas pela padre Ibiapina*. Fortaleza: Secretaria da Cultura do Ceará. Museu do Ceará, 2006.
- MACEDO, R. G. de. *Paul Harro- Haring: visualidade melancólica da escravidão do Rio de Janeiro -1840*. Dissertação de Mestrado, PUCSP, 2014.
- RIBEIRO, D. *Lugar de Fala*. Feminismos Plurais/coordenação de Djamila Ribeiro. São Paulo: Polén, 2019.
- RODRIGUES, R. C. Análise e Tematização da Imagem Fotográfica. *Ci. Inf.*, Brasília, v.36, n.3, p.67-76, set./dez.2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v36n3/v36n3a08.pdf>> Acesso em 06 de abril de 2020
- VASCONCELLOS, T. de M. M. Antônio Conselheiro: um sujeito com estilo. *Antígona* 13, Maceió: EDUFAL, p.157-193, 2020.
- VASCONCELLOS, P. L. *Missão de Guerra: capuchinhos no Belo Monte de Antonio Conselheiro*. 2ª edição revista e ampliada. Maceió: Edufal, 2021.